



PRODUÇÃO CIENTÍFICA EM FORMA DE EXPOSIÇÃO MUSEOGRÁFICA: CARACTERÍSTICAS E PROCEDIMENTOS PARA O PLANEJAMENTO DE UMA EXPOSIÇÃO

Dávila Marçal Martins¹, Marcia Santos Anjo Reis²

¹Universidade Federal de Goiás- Regional Jataí / marcaldavila9@gmail.com

² Universidade Federal de Goiás- Regional Jataí / marciasareis@gmail.com

Resumo:

Nota-se que ao longo dos anos muitos conhecimentos científicos advindos de pesquisas ficam restritos a comunidade universitária. Tendo em vista que a produção do conhecimento científico produzido na pós-graduação tem pouca divulgação, a finalidade deste trabalho é propor a exposição como meio de dar visibilidade ao produto das pesquisas a toda a população e aos diferentes públicos. O objetivo deste artigo é discorrer sobre os caminhos e procedimentos necessários para o planejamento de uma exposição museográfica. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, que tem como aporte teórico Teixeira (1989), Vianna (2015), Werneck, Costa e Pereira (2010) e IBRAM (2017). Para se organizar uma exposição deve se questionar o porquê fazê-la, para quem fazê-la e se com essa exposição será possível provocar mudanças. Itens a serem considerados no planejamento de uma exposição: local, duração, recursos financeiros, públicos, equipe, fichas técnicas, divulgação, programação visual, narrativa da exposição, infraestrutura e equipamentos, dentre outros. Espera-se que este artigo estimule os profissionais das instituições de educação superior a proporem a exposição como estratégia de divulgação de suas pesquisas, tornando as acessíveis para a população de forma geral.

Palavras-chave: Exposição. Conhecimento científico. Planejamento de exposição.

Introdução

De acordo com Bueno (2014) e com o artigo “Os desafios da pesquisa no Brasil publicada” no Caderno Temático do Jornal da Unicamp em 2002 por pesquisadores brasileiros, a produção do conhecimento científico produzido na pós-graduação tem pouca divulgação para a sociedade de forma geral. Na maioria das vezes a apresentação de pesquisas científicas é realizada em congressos, simpósios, eventos científicos, dentre outros, na forma de comunicação oral e/ou pôster; outras vezes a divulgação se dá em forma de artigos em livros, revistas especializadas, anais de eventos científicos, ficando restrito à comunidade acadêmica, não atingindo a maioria da população. Então, buscando uma forma de socialização do conhecimento científico, este artigo propõe a exposição como meio de dar visibilidade ao produto de uma pesquisa de pós-graduação. O intuito é transformar o conhecimento científico produzido na pós-graduação em uma linguagem acessível a todos os públicos, isto é, às pessoas que não estão imersas em ambientes universitários, por meio da materialização de uma exposição.

Nessa perspectiva a questão norteadora desta pesquisa é: quais procedimentos devem ser seguidos para conseguir transformar uma dissertação em exposição museográfica? A partir desta problemática, o objetivo geral deste estudo consiste em descrever os caminhos e procedimentos necessários para o processo de planejamento de uma exposição museográfica, tendo como material uma pesquisa de mestrado desenvolvida em programa de pós-graduação. De acordo com os procedimentos de coleta de dados a pesquisa é classificada como bibliográfica e terá como aporte teórico Teixeira (1989) e Vianna (2015) que discorrem sobre a pesquisa científica no Brasil; Werneck, Costa e Pereira (2010) e o Instituto Brasileiro de Museus - IBRAM (2017) que descrevem e orientam as ações e procedimentos práticos necessários para se realizar uma exposição, bem como cuidados e técnicas para a montagem e disposição do acervo.

Assim, em um primeiro momento, o artigo aborda a pesquisa científica no Brasil e a importância da materialização dos conhecimentos provenientes destes trabalhos em objeto de exposição. Em seguida apresenta-se a definição e os tipos de exposição, bem como os procedimentos necessários para o planejamento de uma exposição. Posteriormente são relatados os cuidados e técnicas para a montagem e disposição do acervo de uma exposição.

O presente artigo se insere na linha temática “Linguagem, Cultura, Sociedade”. O artigo pretende enfatizar a importância da sociedade se apropriar da cultura científica e para isso apresenta a hipótese das transformações de pesquisas de pós-graduação em exposições, que por sua vez se configuram em linguagem visual. Ressalta-se que esta produção se configura como um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) ainda em etapa de pesquisa bibliográfica, nessa perspectiva não apresenta resultados concisos.

A pesquisa científica no Brasil

De acordo com Vianna (2015) a educação superior no Brasil iniciou-se no século XIX, em 1808, com a criação da Escola de Cirurgia em Salvador e a Escola de Anatomia e Cirurgia no Rio de Janeiro e em 1827, com as Escolas de Direito de São Paulo e Olinda. Com base nos estudos da autora, no período imperial as pesquisas científicas eram realizadas apenas em alguns órgãos e institutos (Observatório Nacional, Instituto Agrônomo, Instituto de Manguinhos) inexistindo assim a preocupação em se formar cientistas no país. No final de 1920 o Instituto Agrônomo de Campinas e outras escolas superiores iniciaram pesquisas científicas na área da agricultura e da pecuária (VIANNA, 2015). Neste contexto, a pesquisa

no ensino superior brasileiro de deu de forma inexpressiva:

Com uma produção de ciência pouco expressiva e quase inexistente junto ao ensino superior brasileiro, percebe-se o atraso que representou o embate de uma sociedade conservadora, basicamente agrícola e rural, que não primava pela produção de uma cultura nacional e a formação de intelectuais, mas, antes, preferia perpetuar apenas o ensino de tipo utilitário. (VIANNA, 2015, p. 3).

Em decorrência da primeira guerra mundial “tem-se uma acentuada necessidade de desenvolvimento da ciência para dar vazão à economia que começava a se abrir para a industrialização” e assim é manifestada a solicitação da reforma do ensino superior com o intuito de atender as novas necessidades intelectuais, econômicas e sociais do país. (VIANNA 2015, p. 4).

O ensino superior no Brasil até meados da década de 1930 se restringia ao ensino enciclopédico, formando profissionais por meio da transmissão oral do maior número de conhecimentos acabados, não havendo muito espaço para a pesquisa. Porém, por meio do decreto nº 19.851, de abril de 1931, instituído por Francisco Campos, a universidade passa a se constituir como espaço não só de ensino, mas da produção científica em qualquer área do conhecimento. De acordo com Vianna (2015), a materialização da universidade brasileira ocorreu por meio da união de escolas profissionais superiores do Rio de Janeiro (1934), surgindo a Universidade do Distrito Federal, e em São Paulo (1935), com a criação da Universidade de São Paulo.

Diante esse cenário, os estudos de Vianna (2015) revelam que entre 1962 a 1966, as universidades criaram novos estatutos e foram criados vários institutos de pesquisa, o que desencadeou o aumento da produção científica.

Ao se referir especificamente à pesquisa científica Teixeira (1989) destaca que esta é mais promissora na pós-graduação, pois é nesse momento que se percebe de fato o ensino integrado a pesquisa, enquanto na graduação prevalece o ensino em detrimento de pesquisa.

As pesquisas científicas brasileiras, de acordo com Vianna (2015), aumentaram em função da ampliação dos cursos pós-graduação (mestrado e doutorado), pois em 1974 havia no Brasil 442 cursos de mestrado e 152 de doutorado e em 1982, 760 (mestrado) e 301 (doutorado). Observa-se um crescimento de aproximadamente 72% no quantitativo de cursos de mestrado e 98% dos cursos de doutorado. “De 1.998 titulados mestres e 132 doutores, no início dos anos 1970, houve o aumento para 3.848 mestres e 672 doutores nos primeiros dois

anos da década de 1980” (VIANNA, 2015, p. 7), o que representa uma expansão quantitativa de aproximadamente 93% titulados como mestres e 409% como doutores. Segundo o portal do Ministério da Educação (MEC) ao apresentar o levantamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior (Capes), no ano de 2019 o Brasil possui 122.295 estudantes de pós-graduação, dos quais 76.323 são de mestrado acadêmico, 4.008 de mestrado profissional e 41.964 de doutorado (Capes/MEC), número significativamente maior que o que se tinha a quatro décadas atrás.

Em 1988, a Constituição Federal em seu artigo 207 prevê que a universidade seja organizada em três pilares: ensino, pesquisa e extensão. Os pilares devem ser indissociáveis, o ensino corresponderia à transmissão do conhecimento, a pesquisa seria a produção científica do conhecimento e a extensão, a união do ensino e da pesquisa, o que resultaria na prática social do conhecimento.

Por meio do ensino há a formação de profissionais para atuarem no mercado; através da pesquisa institui-se a cultura nacional, aprimora-se o saber e desenvolvem-se novas tecnologias. Através da extensão a universidade partilha com a comunidade sua produção e transmissão do saber com o objetivo de transformá-la. (VIANNA, 2015, p. 8).

Então, com o intuito de partilhar com a comunidade a produção do conhecimento científico é viável materializar o conhecimento produzido em âmbito acadêmico e torná-lo visível, útil e acessível a toda a sociedade com o intuito de atualizá-la e transformá-la.

Neste sentido, o presente artigo enfatiza a importância de divulgar e partilhar com a sociedade o conhecimento científico, produto de pesquisas desenvolvidas na pós-graduação.

A pesquisa é um exercício intelectual capaz de consolidar o saber em sua renovação e descoberta, mas, infelizmente, nos bancos da universidade, tem sido apresentada e recebida por muitos apenas como um critério burocrático, sendo seus valores - de dar suporte à formação de profissionais, desenvolver o conhecimento científico, a cultura e a economia nacional - desprezados (provavelmente pela alienação advinda da mercantilização do ensino). (VIANNA, 2015, p. 13).

A autora afirma que a pesquisa científica no Brasil possui caráter técnico, isto é, busca-se apenas a obtenção de um título acadêmico e desvaloriza-se a utilidade prática do resultado dessas pesquisas. A produção do conhecimento científico é pouco divulgada e

publicada, e quando é, limita-se a academia ou a grupos específicos, ou seja, não são acessíveis e apresentadas de forma que desperte o interesse e sejam inteligíveis por toda a população. Assim, faz-se necessário a criação de espaços e formas que permitam a divulgação dos diferentes saberes a toda a comunidade. É importante que esses trabalhos, estudos pesquisas e resultados cheguem ao conhecimento da população comum, que estes sejam úteis no cotidiano das pessoas, portanto que se tornem bens comuns.

Ao refletir sobre como fazer para que as pessoas sejam instigadas a conhecer e quiçá se apropriar do conhecimento produzido, sobretudo, da pós-graduação, chegou-se à conclusão que uma estratégia conveniente seria a materialização desses conhecimentos em forma exposição para ser apresentada em museus, parques, entre outros lugares, pressupondo que estes espaços são muitas vezes escolhas para programas de lazer e entretenimento e ao mesmo tempo, para adquirir informação e cultura.

Assim, no próximo item aborda-se sobre os tipos de exposição, suas características e como se planeja, tendo como base o livro “Para fazer uma exposição” que faz parte da série “Caminhos da memória” que se encontra disponível na plataforma “Saber museu” criada pelo Instituto Brasileiro de Museus. (IBRAM, 2017).

Como se organiza uma exposição

Conforme Werneck, Costa e Pereira (2010) uma exposição é a exibição pública de objetos organizados e dispostos que tem a finalidade de compartilhar algum conceito ou uma determinada interpretação da realidade. Complementando o IBRAM (2017) ressalta que uma exposição pode ser definida como o encontro de uma sociedade com o seu patrimônio e pode desempenhar o papel de representar e comunicar histórias, tradições, novidades, conhecimentos, modos de fazer e viver, pois elas

[...] traduzem discursos e narrativas por meio de intermediações sensoriais, como imagens, sons, cheiros, sensações. Expor é, ainda, escolher o que ocultar, optar entre o que lembrar e o que esquecer. A exposição, deste modo, traduz anseios, medos, questionamentos, afirmações, perguntas e respostas, propondo soluções por meio de uma discussão pública e coletiva. (IBRAM, 2017, p. 11).

Desse modo a organização de uma exposição implica diversas áreas do conhecimento para permear variados pontos de vista. O objetivo de uma exposição é

“apresentar o produto de uma pesquisa, que tenha em seu percurso uma narrativa que estabeleça a fruição entre público visitante, acervo e instituição” (WERNECK, COSTA, PEREIRA, 2010, p. 7). Por isso ao propor uma exposição é preciso ter o conhecimento sobre as orientações a serem seguidas para que se consiga atrair o público desejado.

Ao tratar das características técnicas de uma exposição, a mesma pode ser de caráter permanente, temporário, fixa ou itinerante.

- Exposição permanente: quando é concebida para ser exibida sem modificações por longos períodos de tempo;
- Exposição temporária: é exibida por um período limitado de tempo. Ela é organizada a partir de um tema ou de uma comemoração podendo ser apresentada como exposições fixas realizadas no próprio museu;
- Exposição itinerante: também recorre às temáticas, sendo que ela é projetada para ser transportada de um lugar para outro. (<https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/turismo-e-hotelaria/tipos-de-exposicoes/23888>).

Ao que se refere a exposição fixa, termo notadamente auto explicativo, se trata de uma exposição que é concebida para ser exibida em um determinado lugar, sem previsão de ser transportada ou montada em outro espaço, isto é, não se locomove. Ainda de acordo com site existem variados tipos de exposição, são elas:

- Exposição individual: é realizada com um único artista.
- Coletiva: tipo de exposição realizada com um grupo de artistas ou uma tendência estética.
- Antológica: tipo de exposição que se realiza com as obras mais representativas de um artista.
- Retrospectiva: envolve as diferentes etapas de questões expressivas realizadas pelo autor ou criador. Geralmente são selecionadas as obras mais polêmicas e expressivas ou as obras mais representativas de um período.
- Histórica: tipo de exposição onde se exibem aspectos de um período e/ou períodos históricos determinados.
- Exposição comemorativa: tem como objetivo destacar um feito

ou personagem de relevância histórica ou cultural.

- Cronológica: é o tipo de exposição que destaca uma época ou momento determinado de tempo.
- Exposição temática: destaca um tema específico. Recomenda-se que ao explorar as temáticas extraídas da realidade e do cotidiano de uma comunidade deve-se recorrer à contextualização e ao processo histórico, relacionando a apresentação, descrição e significados dos objetos, aos acontecimentos, as tradições, etc. (<https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/turismo-e-hotelaria/tipos-de-exposicao/23888>).

Para se organizar uma exposição deve se questionar o porquê de fazê-la, se é para: mostrar assuntos, artistas ou objetos; colocar conceitos em discussão; dar visibilidade a algum acontecimento ou a certa comunidade; questionar atitudes ou até mesmo exercitar a criatividade.

Também se deve colocar em questão para quem fazê-la, a que público se quer alcançar, o que essas pessoas pensam, do que gostam, o que faz despertar curiosidade. É preciso “identificar e conhecer o público, especificamente aquele que se quer atingir, seus hábitos, preferências, necessidades e interesses, como se locomove, lugares que frequenta. É parte de uma importante pesquisa inicial”. (IBRAM. 2017, p.19).

E pensar, sobretudo, se com essa exposição será possível provocar mudanças nas pessoas, apresentar novos pontos de vista ou até quebrar paradigmas. A partir da consideração desses elementos se torna mais compreensível organizar uma exposição. Definidos esses elementos outros itens a serem pensados para organizar uma exposição são:

Local - O princípio básico para se pensar uma exposição é refletir sobre o local que essa será realizada e analisar características como, viabilidade do espaço, itens de segurança e acessibilidade.

Duração - As exposições podem ser de curta, média ou longa duração dependendo do tempo de permanência para visitação pública. O IBRAM (2017) ressalta que o tempo que uma exposição permanece em “cartaz” demanda diferentes orçamentos, estratégias de divulgação, usos e tipos de materiais expositivos. A duração de uma exposição também determina os cuidados indispensáveis com a conservação do acervo selecionado para a exposição. Ao se propor uma exposição é necessário estabelecer sua data de início e término, isso ajuda no estabelecimento de metas, composição de cronograma de desenvolvimento, orçamento, montagem e desmontagem dela.

Recursos financeiros - No planejamento de uma exposição deve-se calcular quanto poderá ser gasto e quais valores estarão disponíveis para a viabilização do projeto, bem como parcerias e voluntários também devem ser considerados como recursos.

Público - Conhecer o público, isto é, hábitos, preferências, necessidades, interesses, ambientes que são acostumados a frequentar, pois, o conhecimento dessas informações ajudará os organizadores do projeto a atraí-los.

Cuidados necessários com o acervo - Após selecionar o acervo é imprescindível que se avalie os materiais que constituem os objetos, seu estado de conservação e as condições ambientais apropriadas para que não haja riscos de degradação por isso a entrada do acervo é normalmente a última etapa.

Equipe necessária para organizar uma exposição - Para se realizar uma exposição é importante as contribuições de profissionais na área de design gráfico, arquitetura ou design de exposição, pedagogia/educação, história, jornalismo, conservação e museologia. É importante que esse grupo realize reuniões frequentes para discussão de ideias, produção de esboços, entre outros e que realize mediação com outros grupos como os pertencentes de escolas a fim de elaborar jogos e materiais didáticos para as variadas faixas etárias, além de viabilizar acessibilidade diferenciada para portadores de necessidades especiais.

Fichas técnicas - No início de uma exposição deve-se ter a presença do Livro de Visitantes ou Livro de Registro no qual o público registra as informações básicas como nome, idade, cidade de origem, instituição a que pertence entre outras informações. Ao final de uma exposição é comum a presença de uma ficha técnica, que apresenta a relação das pessoas que a produziram.

Divulgação - Para a divulgação de uma exposição é necessário a produção de um texto que reúna, de forma sintética, as informações essenciais: uma breve descrição da ideia, dos objetivos, de quem realiza e onde acontece. Estas são algumas ações de divulgação que podem ser feitas com os dados do texto básico: a criação de um evento no Facebook, uma nota para WhatsApp, um e-mail para jornais, emissoras de rádio, colonistas e blogueiros. Como já mencionado anteriormente é preciso levar em conta o público alvo da exposição, para encontrar os veículos e ações mais adequados.

Deve se atentar também para a possível elaboração de um segundo texto, com a mesma estrutura, mas mais detalhado, com mais informações sobre as principais atrações da exposição, deve estar pronto caso surja oportunidade de publicá-lo ou algum radialista ou jornalista peça maiores informações.

Para organizar uma exposição, faz-se necessário então: definir a programação visual e a narrativa da exposição, fazer a planta baixa do espaço físico, pensar na infraestrutura e nos equipamentos a serem utilizados no processo de montagem da exposição, selecionar o acervo que irá integrar a exposição, atentar para o clima/temperatura, a incidência de luz dentro da exposição, redigir os textos e legendas, imprimir o material, pensar na sonorização, cores e na iluminação, decidir o circuito e a distribuição dos recursos expográficos (suporte, vitrines, painéis) no espaço, criar o texto de apresentação e a ficha técnica, pensar nos itens de segurança, prever as possibilidades de acesso físico, sensorial e intelectual, assim como planejar mobiliário de conforto para os visitantes, de todas as idades e condições físicas, prever transporte para objetos que não fizerem parte do acervo, elaborar orçamento de custos da exposição, planejar e determinar o material gráfico e meios de divulgação, e definir a ação educativa (desenvolvimento de projetos educativos dirigidos às diferentes faixas etárias que visitam o museu) que possa dar visibilidade sistemática ao tema do projeto (WERNECK, COSTA, PEREIRA, 2010; IBRAM, 2017).

O dispor o acervo e técnicas para a montagem de exposição

O objetivo primordial de uma exposição segundo o IBRAM (2017) se configura em contar uma história, fazer uma narrativa. Nessa perspectiva o que se pretende narrar são as informações e conhecimentos que compõe uma produção científica. Não é possível mostrar tudo de uma dissertação ou tese, “a narrativa em uma exposição implica em uma série de escolhas, de artifícios, de linguagens (visuais, sonoras, tecnológicas, acessíveis) que deverá ter começo, meio e fim” (IBRAM, 2017, p. 25), deve-se selecionar o que expor. Para essa finalidade é necessário pesquisar e analisar quais elementos de uma pesquisa são passíveis de serem materializados seja por fotos, cartas, objetos, documentos, sons, entre outros. Esses objetos poderão ser da própria instituição ou ser disponibilizados por terceiros. Para isso é preciso pesquisar e selecionar os objetos que irão compor acervo

Pesquisar, nesse sentido, também é investigar, interpretar, mapear, interrogar (no sentido de arguir, questionar), documentar e preservar o patrimônio em toda sua diversidade cultural, regional, étnica e linguística. A pesquisa pode e deve ir além das dimensões materiais, pode ampliar-se para as representações do intangível, dos conhecimentos, dos saberes, técnicas, artes, crenças, ritos, sons, palavras, expressões, movimentos. (IBRAM, 2017, p. 23).

Após ler uma dissertação ou tese, deve-se pesquisar e selecionar os artifícios de linguagem a constituir o acervo e é preciso que estes sejam organizados/dispostos de maneira educativa. Uma maneira interessante de se fazer isso é partir do que é conhecido para o desconhecido, essa forma de expor ajuda a contextualizar os novos conhecimentos. Para ilustrar melhor essa ideia pode-se pensar em exibir primeiro um objeto ou item popular (isso de acordo com os conhecimentos e cultura do público) e em seguida itens que o relacione.

Vale lembrar que uma exposição se compõe de introdução, desenvolvimento e conclusão, por essa razão se torna conveniente a exibição de textos escritos: curtos, simples e objetivos junto aos objetos quando estes sozinhos não puderem expressar todo o seu sentido. Na organização da narrativa deve se também hierarquizar as mensagens de acordo com sua pertinência.

Ao se pensar em transformar em exposição uma dissertação ou tese é importante que esta seja dividida em módulos, isto é, os itens do acervo devem ser divididos em temas em que cada mensagem ou informação devam estar dispostas em um determinado espaço. Para a elaboração dos módulos é comum que se produza um texto para servir de estratégia narrativa e que se defina como se pretende narrar. A divisão de uma exposição por módulos também contribui para estabelecer pontos de interesse e escalas de hierarquia, incluindo o módulo de abertura onde tradicionalmente se apresenta um texto elaborado pelo curador que apresenta aos visitantes o tema da exposição, uma ficha técnica que contém a relação das pessoas que produziram a exposição e módulos que subdividem o acervo.

Uma exposição deve abarcar três níveis de interatividade: manual, mental e cultural (IBRAM, 2017). Esses elementos são imprescindíveis em uma exposição, pois, a interatividade manual permite o público manusear os modelos, objetos ou montagens para entender o funcionamento de processos e fenômenos. Com a interatividade mental é possível que o visitante estabeleça relação entre o que está no museu e/ou exposição e o seu dia-a-dia, e assim assimilá-las cientificamente. A interação cultural acontece quando uma exposição dá ênfase às identidades presentes no circuito da mostra e faz com que o público identifique essas referências, no caso de um visitante de outro local, o estímulo a conhecer outra cultura.

Ao expor um acervo é preciso também se atentar a escolha e a utilização das cores. De acordo com as informações expressas pelo IBRAM (2017) as cores escuras são mais sóbrias, as claras mais leves e informais, as cores quentes tornam os ambientes mais vibrantes e as frias trazem um ar de serenidade. Quando visualizamos alguma cor, inconscientemente a relacionamos a algum aspecto emocional ocasionado por fatores culturais, psicológicos,

simbólicos ou funcionais, o que é facilmente percebido nas sinalizações de perigo ou advertência. Assim por meio da escolha de cores pode-se criar espaços mais formais, de introspecção, descontraídos, gerar surpresa ou acolhimento. Outro cuidado essencial em relação às cores em uma exposição consiste na preferência à cor clara para o fundo quando tem muitos objetos; e se há poucos, é mais conveniente utilizar cor escura no fundo e dar foco de luz nos objetos para destacar.

É comum que objetos expostos venham acompanhados de textos que o auxiliem na transmissão da mensagem proposta. Esses textos devem ser curtos, diretos, legíveis e conter informações pertinentes.

Para auxiliar na transmissão de uma mensagem uma exposição pode utilizar de recursos sonoros como músicas, gravações, depoimentos entre outros, porém, a opção por esse recurso exige cuidado e manutenção para evitar falhas técnicas. Os equipamentos eletrônicos e tecnológicos dão destaque às exposições e ajudam a atrair o público. Exemplos destes são caixas de som e fones de ouvido.

Em uma exposição também são necessários suportes, são estes: molduras no caso de uma exposição de fotografias, vidros, varal, prateleira, os módulos, as caixas de apoio, os cabides, as araras, as paredes fixas e móveis, as divisórias, as molduras, os cabos entre outros. A escolha dos suportes a serem utilizados em uma exposição também deve ser realizada com cautela, pois estes ajudam a compor a linguagem proposta na exposição e deve combinar proteção ao objeto e a melhor maneira de exibi-lo.

O planejamento de uma exposição implica procedimentos e estratégias bem definidos o que consiste na definição do local onde será realizada, sua infraestrutura, recursos humanos/financeiros necessários e delimitação de tempo. Projetar uma exposição requer uma equipe articulada e fiel que garanta possibilitar a compreensão dos visitantes sobre os objetivos propostos pela exposição. No que se refere a intenção de se transformar em acervo o conteúdo de uma dissertação ou tese deve-se compreender a essência de cada produção acadêmica e adequá-la a linguagem do público em geral, utilizando de recursos acessíveis e inteligíveis.

Considerações finais

Este artigo teve como objetivo apontar os caminhos e procedimentos necessários para o planejamento de uma exposição museográfica. Ao tomar como verdade que os resultados e informações presentes nas pesquisas científicas advindas da pós-graduação são

extremamente relevantes, restrito a comunidade universitária, com pouca divulgação a toda a população, o presente artigo pondera sobre os princípios básicos do planejamento de uma exposição. Partiu-se do pressuposto que uma das alternativas para tornar acessíveis as pesquisas acadêmicas seria transformá-las em exposições museográficas. Com base nessa ideia conceituou-se o termo exposição, apresentou-se os tipos e as características das exposições. Em seguida relatou-se de forma sucinta os procedimentos básicos para conseguir transformar em exposição museográfica um trabalho científico, ou seja, as etapas e cuidados para se estruturar uma exposição.

Para organizar uma exposição é preciso definir o tipo de exposição, destacar um tema ou assunto, decidir a programação visual e a narrativa da exposição, escolher o espaço físico, pensar na infraestrutura, nos equipamentos, no processo de montagem da exposição, na sonorização, cores e iluminação, decidir o circuito, deliberar sobre a distribuição dos recursos expográficos no espaço, pensar nos itens de segurança, elaborar orçamento de custos, planejar meios de divulgação e definir a ação educativa que possa dar visibilidade sistemática ao tema do projeto. Logo, trata-se de um trabalho que demanda tempo, organização, dedicação e uma boa equipe profissional.

Espera-se que este artigo estimule os profissionais das instituições de educação superior a propor exposição como estratégia de divulgação de suas pesquisas tornando-as acessíveis para a população de forma geral. Que sirva também como apoio ou ponto de partida para auxiliar profissionais da educação e de instituições museológicas interessados em planejar uma exposição.

Como sugestão para futuros trabalhos pode ser selecionada uma produção de pós-graduação e em seguida planejar e montar exposição, ou seja, fazer a transposição do conhecimento científico produzido na pesquisa (oral e documental) de mestrado ou tese para a linguagem de comunicação/extroversão (exposição/ação educativa), planejando exposição; coletar materiais que possam subsidiar exposição sobre a realidade ambiental do município de Jataí; apresentar uma proposta de exposição que possa dar visibilidade sistemática a temas diferentes sobre a realidade do município de Jataí, como lixo, impacto ambiental, questões históricas, problemas sociais, educação, dentre outros; refletir sobre a ação educativa de uma exposição.

Referências

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil (CF), 05 de outubro de 1988.

Disponível em: <www.mec.gov.br/legis/default.shtm>. Acesso em: 20 jun. 2019.

BUENO, Wilson da Costa. A divulgação da produção científica no Brasil: a visibilidade da pesquisa nos Portais das Universidades Brasileiras. **Ação Midiática – Estudos em Comunicação, Sociedade e Cultura.**, jul. 2014. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/acaomidiatica/article/view/36340>>. Acesso em: 14 set. 2019.

IBRAM, Instituto Brasileiro de Museus. Caminhos da memória para fazer uma exposição. Brasília, DF: Phábrica, 2017.

TEIXEIRA, Anísio. Uma perspectiva da educação superior no Brasil. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. Brasília, v. 50, n. 111, p. 21- 82, 1968.

TIPOS DE EXPOSIÇÕES. Disponível em: <<https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/turismo-e-hotelaria/tipos-de-exposicoes/23888>>. Acesso em: 27 jun. 2019.

VIANNA, Agatha. Panorama da pesquisa universitária no Brasil: angústias e proposições. **Criar Educação** – PPGE – UNESC, Criciúma, v. 5, n. 1, p.1- 15, jul. /Nov. 2015. Disponível em: <<http://periodicos.unesc.net/criaredu/article/download/1431/2131>>. Acesso em: 20 jul. 2019.

WERNECK, Ana Maria Azevedo Furquim; COSTA, Thiago Carlos; PEREIRA, Angelina Gonçalves de Faria. **Planejamento e Gestão de Exposições em Museus**: Caderno 03. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura/Superintendência de Museus e Artes Visuais de Minas Gerais, 2010.